

Maria João Reynaud

Faculdade de Letras da Universidade do Porto; reynaud@letras.up.pt

## ÁRVORE – um olhar transversal

*Quis potis est dignum pollenti pectore carmen  
condere pro rerum maiestate bisque repentis?*

Lucrecio, *De Rerum Natura*, LIBER QVINTVS

A revista *Árvore*, editada em Lisboa no Outono de 1951 – sob a direcção de António Luís Moita, António Ramos Rosa, José Terra, Luís Amaro e Raul de Carvalho – além de abrir a década de cinquenta de modo auspicioso, representa um momento decisivo na evolução da poesia portuguesa dos meados do século XX, fundamentalmente, pela fundura do debate teórico que em torno dela se levanta. Contudo, no contexto político da época, estas *Folbas de Poesia* acabaram por ter uma existência relativamente breve e bastante conturbada em termos editoriais, devido à acção ferozmente vigilante da censura. Depois de uma interrupção de mais de um ano, o último dos quatro números veio a lume sem data [1953] e tem no elenco directivo o poeta Egito Gonçalves.

A comemoração do cinquentenário da publicação deste último número foi condignamente assinalada pela Editora Campo das Letras, do Porto, com uma aprazível edição fac-similada, precedida de um estudo esclarecedor de Luís Adriano Carlos<sup>1</sup>.

O texto de abertura, intitulado «A necessidade da poesia», lido à distância de meio século, ganha uma nova e inesperada ressonância. As palavras de Jean Cassou, citadas no *incipit*, não perderam actualidade: a poesia continua a ser «a mais perfeita expressão do homem, a sua mais alta operação espiritual»<sup>2</sup>. Se o seu fim «é explicar o homem, acompanhá-lo, exaltá-lo no decurso da sua prodigiosa ascensão»<sup>3</sup>, a poesia não pode, por outro lado, deixar de reflectir «a vida dramática do homem que a todo o custo procura humanizar o mundo, mudar a vida»<sup>4</sup>. O interesse deste texto inaugural reside, justamente, nesta insuperável aporia, que marcará em larga medida a poesia dessa época.

Mas nem por isso a revista deixa de ser um espaço de debate teórico enriquecedor, onde se confrontam concepções poéticas e projectos por vezes radicalmente opostos,

---

<sup>1</sup> Vd. *Árvore - folbas de poesia*, Edição fac-similada. Introdução e Índices de Luís Adriano Carlos [«Uma Árvore no meio do Cosmos ou o Retorno do Sublime»], Porto, Campo das Letras, 2003. 1.º Fascículo – Outono de 1951. Texto «programático», impresso em itálico.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> *Ibid.*

mas sempre centrados na preocupação de assegurar, de forma meditada e digna, uma reflexão vital e inovadora sobre a questão da linguagem poética.

A *Árvore* não foi o órgão de um movimento literário, pois «nunca pretendeu ser o porta-voz de um grupo, embora não renuncie ao espírito de coesão que possa haver dentro da livre diversidade de tendências ou caminhos dos seus colaboradores»<sup>5</sup>. Isso mesmo nos é confirmado pelos valiosos depoimentos de alguns dos seus fundadores, publicados num número especial de *Letras & Letras*, comemorativo dos 40 anos da revista<sup>6</sup>. António Ramos Rosa, que é visto por Albano Martins como «porventura a personalidade mais influente, mais rica e mais complexa do grupo»,<sup>7</sup> reitera o princípio aglutinador das orientações estéticas da *Árvore* – a «fidelidade ao humano» –, que ele redefinirá no primeiro ensaio de *Poesia, Liberdade Livre* (1962<sup>8</sup>); e a *necessidade* então sentida de uma «poesia em que as exigências do real (inclusivamente da realidade social) se aliassem à integridade da linguagem poética, na sua unidade e na sua essência de palavra livre e aberta ao desconhecido»<sup>9</sup>.

Bastaria seleccionarmos excertos de alguns textos ensaísticos e críticos publicados na revista, para se tornar claro que, subjacente a cada um deles, está sempre um sistema filosófico ou ideológico que funciona implicitamente como uma moldura teórica dentro da qual a poesia pode ser pensada.

Contudo, sabemos que, no início dos anos 50, os critérios de aferição são tendencialmente de natureza ideológica pela própria pressão da ditadura, o que faz com que Ramos Rosa oscile entre as concepções de dois poetas que cruzaram o surrealismo: a «incantação da linguagem» de um René Char e a concepção «finalista» de um Paul Éluard, quando afirma que «o fim da poesia é a vida, “a verdade prática”»<sup>10</sup>. A tensão entre o *humano* e o *poético* é um dado incontornável do pensamento estético do grupo da «Árvore», porque ele arrasta consigo a espinhosa questão da «verdade» em poesia (entendida talvez como solidariedade interna entre a poesia, a ética e a história), ou, como dirá Ramos Rosa, a verdade entendida como uma «integração na história [que] não implica uma fidelidade restrita ao presente, a não ser que dêmos ao conceito de época o seu significado mais rico e multidimensional, consagrando o nosso tempo, entre todos, como o único em que as mais terríveis contradições sociais se resolverão»<sup>11</sup>.

Mas a *necessidade* da poesia é também de ordem ontológica, como fica explícito no ensaio de Eduardo Lourenço, hoje bem conhecido («Esfinge e Poesia»), que marca a sua presença, logo no primeiro número:

A poesia é expressão das origens. Solicitado pela noite animal e a plenitude solar, um poeta talhou na rocha uma forma visível da sua condição. Compreender a Esfinge, compreender a poesia é olhá-la sem a tentação de lhe perguntar nada. É aceitar o núcleo de silên-

<sup>5</sup> *Ibid.*, 3.º Fascículo- Primavera e Verão de 1952 (nota introdutória).

<sup>6</sup> Cf. *Letras & Letras*, n.º 56, 2 de Outubro, 1991.

Vd. José Terra: «Para a História de Árvore e de sua Época» e Luís Amaro: «Breve Página de Memórias».

<sup>7</sup> *Ibid.* Albano Martins: «Nascimento e Morte duma Revista».

<sup>8</sup> António Ramos Rosa, *Poesia, Liberdade Livre*, Lisboa, Livraria Morais Editora, 1962. Cf. «A Poesia e o Humano»: «O poema essencialmente fala de si mesmo, isto é, do acto de criar, dessa experiência única em que se manifesta a liberdade humana fundamental», p. 22.

<sup>9</sup> Cf. *Letras & Letras*, p. 13.

<sup>10</sup> Cf. António Ramos Rosa, *Árvore*, 1.º fasc., «À Margem duma Leitura de René Char», p. 46.

<sup>11</sup> *Id.*, *ibid.*: «A Poesia é um Diálogo com o Universo», p. 8.

cio donde todas as formas se destacam. A obra vale pela densidade de silêncio que nos impõe. Por isso os poetas que imaginam dizer tudo são tão vãos como as estátuas gesticulantes.<sup>12</sup>

Eduardo Lourenço reconhece à poesia aquela «vocalização de eternidade», de que fala Novalis<sup>13</sup>. A poesia é para ele o lugar íntegro onde, como afirma, o Autor de *Blüthenstaub*, se dá «a união mais íntima entre o temporal e o eterno»<sup>14</sup>.

Volvido mais de meio século sobre a publicação da *Árvore* e sabendo nós que alguns dos seus colaboradores são hoje poetas e ensaístas consagrados – e referências incontornáveis para as gerações mais jovens –, poderá ser interessante debruçarmo-nos sobre algumas das suas propostas e reflexões, à luz do presente. A primeira questão que se poderia colocar é, justamente, a da «necessidade» da poesia e de uma ampla discussão teórica em torno do que ela pode significar numa sociedade em profunda crise, isto é: em mutação profunda de valores (tendo em conta, inclusive, todos os aspectos que o senso comum liga à ideia de crise: o ético, o político, o económico, o social).

Como então (re)confirmá-la no seu autotelismo, quando são amplamente rejeitados, na épistème pós-moderna, os modelos tradicionais de «apreciação literária»? Será ainda possível considerar a poesia como «a mais perfeita expressão do homem», quando são questionados os princípios que constituíam a salvaguarda de uma concepção totalizante de obra de arte, não sendo já possível conceber a *relação estética* dentro de parâmetros estáveis<sup>15</sup>?

E que prodigiosa ascensão humana pode ela assegurar, num tempo de trevas que por inteiro se reconhece nas palavras do *moderno* Baudelaire:

Quoi de plus absurde que le Progrès, puisque l'homme, comme celà est prouvé par le fait journalier, est toujours semblable et égal à l'homme, c'est à dire toujours à l'état sauvage. [...] N'est-il pas l'homme éternel, c'est-à-dire l'animal de proie le plus parfait?». Baudelaire é de facto um antimoderno com poucas ilusões acerca do seu tempo, porque, na hierarquia das crenças, o Pecado Original leva sempre a melhor: «Hélas! Du Pêché Originel, même après tant de progrès depuis si longtemps promis, il restera toujours bien assez de traces pour en constater l'immémoriale réalité!»<sup>16</sup>.

Hoje «o rosto da poesia» continua a ser, como em 1951, resplandecente e «torturado», e se alguma função lhe podemos atribuir é a de nos iluminar a saída da caverna aonde ciclicamente regressamos. Quantas vezes se falou, em nome da poesia, de *humanização do mundo* ou de *mudança de vida*, expressões que nos remetem para as duas margens entre as quais a *Árvore* ergueu «a fecunda ponte», de que fala com particular ajuste E. Melo e Castro – a do neo-realismo e a do surrealismo? E o Mito de Anteu, que

<sup>12</sup> *Id.*, *ibid.*,: «Esfige ou a Poesia», pp. 5-9.

<sup>13</sup> «[La poésie] embrasse toutes les fonctions transcendantes et contient en fait le transcendant dans sa généralité». *Id.*, *ibid.*, p. 58.

<sup>14</sup> Novalis, *Œuvres complètes*, II., *Les fragments*, Paris, Gallimard, 1975, p. 56: «Par le canal de la poésie [...] l'union la plus intime se réalise entre le temporel et l'éternel».

<sup>15</sup> Cf. Gérard Genette, *L'Œuvre de l'art - La relation esthétique*, Paris, Éd. Seuil, 1997, p. 255. Como faz notar o Autor, «le fait que j'aie à un objet une relation de type artistique ne suffit en aucune manière à prouver que cet objet *est* effectivement une œuvre d'art, et donc que ma relation est "appropriée" ou légitime, et le supposer relève `coup sûr d'une démarche circulaire».

<sup>16</sup> Baudelaire, *Œuvres complètes*, l'Intégrale, Éd. Seuil, 1968, p. 624.

prestígio poderá ainda ter numa terra desprotegida e exposta quotidianamente à delapidação, em nome do progresso tecnológico?

Não sabemos se ainda há quem acredite que o nosso tempo é uma «epopeia» viva, protagonizada por «homens vivendo da comunhão dos grandes ideais», que uma poesia «voltada para o futuro e a esperança» imortalizará, como se pode também ler no texto de abertura<sup>17</sup>. Mas há quem creia na «finalidade social da poesia»; e quem a conceba «no sentido inevitavelmente partidário da arte da palavra / na sua acepção mais pura», como escreve Álvaro Salema no «Ensaio sobre os Partidarismos em Poesia?», cujo remate só pode ser completamente entendido no contexto histórico da época: «Toda a verdadeira poesia é fiel à humanidade e por isso partidária. O debate dos partidarismos, quaisquer que eles sejam, é que é estranho à poesia e ignora-a ainda quando julga afirmá-la»<sup>18</sup>.

Num cenário em que a luz da razão contracena com os fundamentalismos mais obscuros, como nos precaveremos daquelas posições ambíguas que parecem apontar a possibilidade da conciliação do exercício da liberdade poética com o compromisso político?

Todas estas questões, um pouco ociosas, têm no fundo o objectivo de chamar a atenção para o belo texto de Ramos Rosa publicado neste número inaugural e intitulado «À Margem duma Leitura de René Char», cuja força não pode deixar de nos surpreender. A actualidade do seu *incipit* merece ser destacada:

A pressão dos factores anestéticos e a sua quase exclusividade como móbil da existência, torna o período em que vivemos particularmente difícil e dramático para a cultura e para a arte. Mas um período difícil não é inevitavelmente um período estéril; pode ser até excepcionalmente fecundo no plano da criação artística e da qualidade das obras. Na figura solitária dum poeta que não procura a comunicação pelo nível mais baixo da expressão mas pelo mais alto da exploração dum legado formal que é de todos e se recompõe e enriquece vivamente por cada um – pode ser que a imagem duma época mais fecunda e rigorosamente se desenhe.<sup>19</sup>

Face a este texto, e sem que se possa esquecer a excepcional qualidade de outros ensaios publicados na revista – que são hoje incontornáveis do ponto de vista de uma história crítica da poesia portuguesa do século XX -, vem a propósito sublinhar que, em profundo contraste com esta vitalidade ensaística, não há hoje qualquer apetência para o debate vivo e polemicamente construtivo em torno da poesia nem nenhuma preocupação em definir as coordenadas em que se inscrevem as visões do mundo que subjazem a esta ou aquela tendência estética – um debate susceptível de envolver, além dos próprios poetas, os ensaístas e os críticos da «geração nova», para nos servirmos do título de um conhecido livro de Sampaio Bruno.

Aprofundando um pouco o cotejo com os «novos» de hoje, vemos, por exemplo, que os fundadores e a maioria dos colaboradores da *Árvore* estavam a entrar na casa dos vinte anos, enquanto os mais velhos (como Jorge de Sena) andavam, na altura da publicação do último número da revista, pelos 30 e poucos anos. Isto, sem contar com a presença pontual de poetas e ensaístas já consagrados, como a de Adolfo Casais Monteiro (1908), que pertencia à geração da «Presença»<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Cf. *Árvore*, «A necessidade da poesia», 1.º fasc.

<sup>18</sup> *Ibid.*

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 45.

<sup>20</sup> *Ibid.*, «Encontros Europeus de Poesia» – Entrevista com Adolfo Casais Monteiro, pp. 29-33.

É certo que a inapetência teórica constitui um dos traços discretos do pós-modernismo. Poderá ser mesmo uma espécie de jejum estratégico, que pode até favorecer a recepção e a socialização de uma poesia que já não gera conflito nem polémica sobre «as fronteiras do realismo» ou o abominável «umbilicalismo» presencista. Por outro lado, e salvo raras exceções, deixou de haver uma grande diferença entre o elogio jornalístico pontual e o abissal silêncio em que cai muito do que se escreve. O poeta de hoje é *obrigado* a satisfazer-se com pouco, porque a «lentidão» que é consubstancial ao seu ofício não se compadece com a vertiginosa aceleração da sociedade de consumo e do espectáculo.

Mas não será difícil admitir que começa a fazer falta uma vertente teórico-crítica que permita pensar a poesia no quadro mais vasto de uma reflexão séria e abrangente, fora do campo exclusivo da sensibilidade «individual» e estabelecendo o desejável diálogo entre as várias tendências, o que seria o sinal positivo de uma capacidade para integrar o «difuso» e o «disperso» numa espécie de quadro de avaliação estética problematizador, ainda que possivelmente provisório.

Esta breve leitura da revista, a que chamei «olhar transversal», não poderia concluir-se sem uma derradeira referência a Eduardo Lourenço: presente, como vimos, logo no primeiro número das *Folhas de Poesia*, é em grande parte pela sua insubstituível mão mediadora que a poesia chega aos leitores de hoje como um lugar de deslumbramento. Sem esse lugar *excêntrico*, a verdade dolorosa do mundo em que vivemos seria intolerável. Do «núcleo de silêncio» da poesia, vem-nos o pressentimento de infinito que torna a vida suportável. Isso mesmo nos é dito por Eduardo Lourenço, num texto recente que quase se diria ser uma réplica ao que foi publicado no já distante Outono de 1951:

Pour notre consolation et notre espoir, la poésie ne fut jamais ce saut hors du monde, cette invention d'une musique pour notre cœur qui nous empêche d'entendre la douleur du monde. [...] C'est le monde qui, sans elle, n'a pas et n'aura jamais la réalité que nous lui attribuons.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Eduardo Lourenço, *Le Poète dans la Cité (aujourd'hui) / De Dichter in de Samenleving* (vandaag), Conférence traduite du portugais par Annie de Faria, IC, Delegation da Bélgica, 2001, p. 20.

MARIA JOÃO REYNAUD

**BIBLIOGRAFIA RECENTE SOBRE «ÁRVORE»**

AAVV, *Árvore (1951-1953) et la poésie portugaise des années cinquante*, Actes du Colloque organisé par Maria Helena Araújo Correia, Paris, Editions Lusophone, 2003.  
MOISÉS, Massaud (2002), *As Estéticas Literárias em Portugal*, vol. III, Século XX, Lisboa, Caminho.